

**CARTA ABERTA AO XI ENCONTRO BRASILEIRO SOBRE O PENSAMENTO DE  
D. W. WINNICOTT**

**O ACHAR E O PRÓ-CURAR**

Gameleira é uma imponente árvore da flora gaúcha. Suas primeiras sementes chegaram ao Brasil pelas mãos dos escravos. Em nossa ancestralidade afrodescendente (origem da humanidade), a gameleira quando sacralizada, recebe o nome de batismo de Iroko, que no culto nagô significa a árvore do centro do mundo, que governa o espaço e o tempo. Fazemos da gameleira a árvore do centro do mundo do nosso XI ENCONTRO, atribuindo-lhe o poder mágico de governar o espaço e o tempo.

Foi justo em Porto Alegre que José Outeiral iniciou o pulular das primeiras sementes da nossa gameleira.

Hoje, nossa árvore frondeja verdejante e exuberante. Por mais robusto que seja o tronco e forte seus galhos, são as raízes que sustentam a árvore. Iremos a PoA, ajudar nossos companheiros dos pampas, regar as raízes. Uma garantia do prolongamento da vida. É aconselhável que, de tempos em tempos, façamos isso.

Os incautos poderão arguir: Outeiral não está mais por aqui. Logo, a Porto Alegre não é mais tão alegre. Enganam-se!!!

Lá o Zé surgiu. De lá o Zé partiu. Outeiral em sua peculiar heterodoxia, atende ao apelo do compositor gaúcho Lupicínio Rodrigues: “Volta, vem viver outra vez ao meu lado”. Emanado pelos zéfiros transcendentais, Outeiral ressurgiu como um Fênix, e é hoje nosso objeto subjetivo, assim definido pela poesia de Mario Quintana: “Não importa que a tenham demolido, a gente continua morando na velha casa onde nasceu”.

O Zé se fará presente em cada palestra, em cada mesa redonda. Ainda com Lupicínio: “Teu lugar aqui na minha mesa, tua cadeira ainda está vazia”. Com o arremate de Quintana: “Há um grande silêncio que está sempre à escuta”.

Os ideais do Outeiral sobrevivem na sua amorosidade. Gilberto Gil: “O amor é como o grão. Morre, nasce o trigo”. Trigo com que cada grupo que sedia nossos ENCONTROS, produz os pães que alimentam nossas almas. Além do vinho, é claro!

O tema geral do XI ENCONTRO permitirá entretecer, “Psicanálise e Arte: por um viver mais criativo”. Considerando palavras chaves: vida, arte e encontro, desembocaremos em Vinicius de Moraes: “A vida é a arte do encontro”. Vamos nos encontrar!

Quanto ao espaço, não carece de dúvidas: estaremos sob o acolhimento da frondosa gameleira, nossa mãe-natureza suficientemente boa que nos governa e protege com seu sombreado, mas que permite a passagem de raios apolíneos, iluminantes das áreas do brincar nesse eterno vir-a-ser criança. Espaço contemplado pela estética de quem se reconhece como facilitador das possibilidades do emergir de um viver mais criativo. Assim entendido por Edna Vilete: “O psicanalista é um artista em seu trabalho”.

Em rabiscos suaves e escorregados, de uma geometria imaginária, poderemos construir pontes que nos levarão para além dos determinismos cientificistas, ao encontro da mágica Passárgada que nos habita. Uma espontaneidade de gestos, alicerçada na ilusão onipotente, berço da criatividade e de um viver mais criativo, acalantados pela nossa arte no encontro analítico.

Pelos espaços disponíveis, como andarilhos, ciceroneados pelo guia Winnicott, percorreremos pelos espaços potencial e transicional. Superaremos obstáculos e procuraremos desvelar enigmas encontrados pelo caminho. Desafios que, dessa forma, nenhum outro analista-guia ousou enfrentar.

Quanto ao tempo, também sob a gerência de nossa gameleira, contaremos com a presença da genialidade do mestre Freud: “O inconsciente é atemporal”, extrapolando a métrica reducionista do Deus Cronos. O que para nossa arte significaria: o tempo não é contra nem a favor. Ele, o tempo, apenas dimensiona o possível.

O espaço e o tempo pertinentes à nossa caminhada pelo XI ENCONTRO, nos traz de volta, Vinicius de Moraes: “Do sul cativo / o este é meu norte / outros que contem / passo por passo / morro ontem / nasço amanhã / ando onde há espaço / meu tempo é quando”.

Urge deixar um espaço e tempo, à sombra da gameleira, para degustar a indefectível e delectável culinária gaudéria. Só que dessa vez, com a recomendação dos Titãs: “A gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão e arte”.

Gilberto Safra confidenciou: “O contato com a clínica de Winnicott, me fez entrar numa espécie de tobogã”. Com o que eu contribuiria: “ Tilinta o gelo no copo / e não me sugere nada / meu pensamento se esvoaça / sem pouso / sem porto. / Desço à minha vida / como num tobogã / e me esborracho / estendo a mão / e não te acho. / Onde foi que / deixei meu copo?”

Quando Picasso afirma: “Eu não procuro. Eu acho”, ele nos faz um convite-provocação à reflexão, engrandecendo ainda mais a brilhante e feliz escolha do tema central de nosso ENCONTRO.

Em nossa arte, seria mais importante do que o achar, o pró-curar, como parte do mistério de um viver mais criativo, dando sentido à existência? Pró-curemos?!

Bah! Vai ser tri legal, tchê!

Preparem-se! Eu já estou me preparando, ouvindo ao fundo o laudatório cântico dos gaúchos Kleiton e Kledir: “Vou pra Porto Alegre, tchau!”

*José Guedes*